

Uma foto, mil palavras: uma estratégia de trabalho com a fotografia em sala de aula

Alexandre H. T. Guimarães, Valéria B. Martins

Centro de Comunicação e Letras
Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo, Brasil
alexandre.guimaraes@mackenzie.br,
valeria.martins@mackenzie.br

Nickolas M. Andrade

Ensino Fundamental II
Colégio Presbiteriano do Brás
São Paulo, Brasil
nickolasm.andrade@gmail.com

RESUMO — *Observa-se que muitos são os professores recém-formados que, ao chegarem à Educação Básica, possuem a teoria adquirida ao longo da licenciatura, porém não a prática docente, pois, tecnicamente, enquanto graduandos, ainda não têm autorização para ministrar aulas na escola regular. É em função de uma prática docente mais real que surge o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência como uma oportunidade de colocar em prática os ensinamentos adquiridos na universidade. A partir desse programa, surgiu a oportunidade do desenvolvimento e da execução de um projeto que objetivava o trabalho com textos imagéticos em sala de aula. Ocorreu uma experiência que envolveu estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental II, em que se trabalhou, em sala de aula, a fotografia de Stuart Franklin no desenvolvimento de uma atividade, que ampliasse o repertório de leitura e de compreensão de textos imagéticos dos estudantes, ao produzirem pequenos textos a partir das análises feitas por eles, expondo seus pontos de vistas sobre a foto do homem solitário que enfrenta uma fileira de tanques na Praça da Paz Celestial.*

Palavras—chave — Metodologia de ensino; Fotografia; Educação Básica; Leitura e interpretação

I. INTRODUÇÃO

Um bom educador, que é capaz de perceber que a clientela escolar passou por mudanças ao longo dos últimos anos, sabe que há momentos em que se faz necessária uma reflexão sobre sua prática educativa. Da mesma forma, espera-se que um graduando, que esteja matriculado em um curso de licenciatura, saia dos bancos universitários com a consciência de que possa atender às necessidades de seus futuros alunos e de que esteja preocupado em desenvolver atividades que sejam significativas para o processo de ensino-aprendizagem.

No entanto, é frequente observar que os professores recém-formados, em sua maioria, ao chegarem à Educação Básica, costumam dominar as teorias advindas de sua formação, porém não possuem a prática docente, já que, tecnicamente, enquanto licenciandos, eles não possuem autorização legal para ministrar aulas no Ensino Regular.

Em função de promover uma prática docente mais real para o licenciando surge o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) que, organizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), proporciona aos graduandos a oportunidade de colocar em ação os ensinamentos adquiridos na universidade, além de serem autorizados a preparar e a ministrar aulas, com a possibilidade de confeccionar e aplicar seus próprios materiais didáticos.

Por meio desse programa, desenvolveu-se um projeto que objetivava trabalhar com textos imagéticos em sala de aula, modalidade textual que faz parte do cotidiano social e, infelizmente, é pouquíssimo discutida no ambiente acadêmico das licenciaturas, em particular da área de Letras, que, costumeiramente, volta sua atenção, inclusive sob o ponto de vista valorativo, para o texto verbal.

É nesse sentido que um trabalho com a fotografia se torna viável, uma vez que não há como pensar em um mundo, na contemporaneidade, sem a presença das fotos. Além disso, nota-se que tanto a leitura quanto a compreensão de textos imagéticos no ambiente escolar ainda são parcíssimos ou inexistentes, em grande parte das salas de aula da Educação Básica.

Dessa forma, desenvolver uma atividade com fotografias torna-se necessária, uma vez que, com ela, pode-se trabalhar, de maneira mais efetiva e significativa, a leitura do texto imagético em sala de aula.

Já que fotografia está enraizada no cotidiano contemporâneo, sobretudo no dos alunos, por que não a trabalhar em sala de aula como um caminho para a alfabetização imagética dos educandos? Por que não a trabalhar para levar o aluno do empirismo ao conhecimento mais amplo e crítico dessa linguagem?

Desse pensar, surgiu a proposta de projeto que será aqui descrita. Por meio do PIBID, ocorreu uma experiência nas aulas de Língua Portuguesa que envolveu estudantes do 6º ano do Ensino Fundamental II. Esse trabalhou utilizou a fotografia de Stuart Franklin, em ambiente escolar, na tentativa de contribuir para uma ampliação o repertório de leitura e de compreensão de textos imagéticos dos educandos. Com essa atividade, solicitou-se que os discentes produzissem pequenos textos a partir das análises feitas por eles, expondo seus pontos de vistas sobre a foto de Franklin.

II. A LEITURA EM SALA DE AULA

Antes de se trabalhar com a leitura em sala de aula, é pertinente saber o que, efetivamente, é ler. Manguel salienta para o fato de que ler “[...] não é um processo automático de capturar um texto como um papel fotossensível captura a luz, mas um processo de reconstrução desconcertante, labirinto, comum e, contudo, pessoal”. [1]

Sabe-se que a escola costuma ser um espaço favorável para o desenvolvimento da leitura, sobretudo a verbal, uma vez que, frequentemente, tanto alunos quanto professores fazem-se sujeitos leitores nesse meio. Dessa forma, compreende-se que:

lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela. [2]

Nesse sentido, é importante que fique evidente que o processo de leitura verbal vai muito além da mera decodificação de símbolos linguísticos, já que ao ler, o leitor (re)encontra outros universos e outros significados, por vezes impensáveis ou esquecidos, tornando-se possível uma maior compreensão de seu próprio mundo.

Em relação à leitura de textos imagéticos no ambiente escolar, é possível afirmar que seu trabalho é parco ou inexistente e inúmeras razões surgem para justificar a ausência de atividades que contemplem a leitura imagética em sala de aula. No entanto, não há como compreender – sem se indignar – o fato de existir uma significativa carência de tarefas com textos imagéticos na escola, uma vez que o mundo se encontra, contemporaneamente, repleto de imagens.

Atente-se para as palavras de Manguel:

as imagens, porém, se apresentam à nossa consciência instantaneamente, encerradas pela sua moldura – a parede de uma caverna ou de um museu – em uma superfície específica. [...] com o correr do tempo, podemos ver mais ou menos coisas em uma imagem, sondar mais fundo e descobrir mais detalhes, associar e combinar outras imagens, emprestar-lhes palavras para contar o que vemos mas, em si mesma, uma imagem existe no espaço que ocupa, independente do tempo que reservamos para contemplá-la. [3]

O referido autor, ao tratar a respeito da leitura de imagens, expõe que “[...] o espectador, ou leitor, é compelido a participar, completando e interpretando as poucas pistas dadas pelas linhas delimitadoras”. [4]

Continuando com o pensamento Manguel, o pesquisador reitera que:

quando lemos imagens – de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas –, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. Ampliamos o que é limitado por uma moldura para um antes e um depois e, por meio da arte de narrar histórias (sejam de amor ou de ódio),

conferimos à imagem imutável uma vida infinita e inesgotável. [5]

Apesar das colocações de Manguel, no que se refere à leitura de imagens, não se pode esquecer de que as pessoas, grosso modo, não são alfabetizadas imageticamente. Nesse sentido, é importante levar em consideração as palavras de Dondis:

uma coisa é certa. O alfabetismo visual jamais poderá ser um sistema tão lógico e preciso quanto a linguagem. As linguagens são sistemas inventados pelo homem para codificar, armazenar e decodificar informações. Sua estrutura, portanto, tem uma lógica que o alfabetismo visual é incapaz de alcançar. [6]

Guimarães vai ao encontro do exposto, afirmando que:

é indiscutível a presença da imagem e, particularmente, da fotografia na contemporaneidade. A sociedade, de um modo geral, está à mercê de produções fotográficas. À mercê, em virtude de ser composta por leitores passivos, já que não foram alfabetizados para sua leitura. [7]

Depois de uma reflexão a respeito da leitura em sala de aula – seja ela verbal, seja ela imagética – é essencial que o professor, que seja consciente de sua prática formadora, saiba que se faz indispensável um trabalho com a leitura não só do texto imagético, mas também de ambos os textos, mesmo que seja percebida a ausência de teorização a respeito desse tratamento em ambiente escolar.

III. O REBELDE DESCONHECIDO

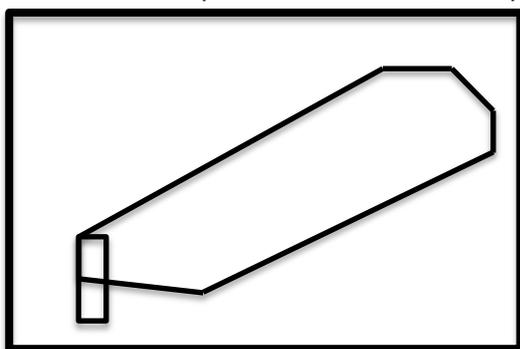
A China, sob um regime comunista, era liderada por Mao Tsé-Tung que encontrou várias resistências em grupos formados, sobretudo, por intelectuais e burocratas, que eram contrários à postura do líder chinês. Após o falecimento de Tsé-Tung, a subida de Deng Xiaoping ao poder trouxe novos ares à economia chinesa, por meio de uma abertura a investimentos estrangeiros, o que desenvolveu a indústria e o comércio nesse país. No entanto, apesar dessa guinada econômica, a política, ainda sob a dominação do partido comunista, não enxergava essa prosperidade com bons olhos.

Em 1989, após a vista do líder soviético Mikhail Gorbachev à China, no período de 15 de abril a 04 de junho, milhares de manifestantes saíram às ruas reivindicando por mais democracia e menos corrupção no país. Os reivindicadores, em sua maioria estudantes, concentraram-se na Praça da Paz Celestial que, “[...] na noite de 4 de junho, tornou-se palco de uma violenta repressão, a qual gerou milhares de vítimas, ao mando de Xiaoping”. [8]

No dia seguinte, 05 de junho de 1989, o fotógrafo Stuart Franklin captou a imagem que entrou para a história recente da humanidade, ao eternizar “[...] um cidadão, de costas para a câmera fotográfica e televisiva, que tenta impedir o avanço de uma coluna de tanques do exército chinês”. [9]

São palavras de Guimarães sobre a foto de Franklin:

observam-se dois pólos opostos, traçando uma linha diagonal à base da imagem. Esses pólos, sobre as linhas e setas pintadas no asfalto, e entre a extremidade do poste e a sombra das árvores marcadas ao solo, representam exatamente os dois lados de um país de números tão elevados, o qual sempre foi marcado pela divisão social, composta



pelos mandantes e mandados. [10]

A seguir, apresenta-se a estrutura sintática da fotografia, capturada no fatídico dia 05 de junho de 1989.

Fig. 1. Estrutura sintática da fotografia de Stuart Franklin

O referido pesquisador salienta, ainda sobre a foto de Stuart Franklin, para o fato de que os tanques:

representam, em volume, aproximadamente, cinco vezes o tamanho do manifestante. Mas, há de se verificar que não é só o volume que impressiona. Soma-se a ele, todo o poderio bélico em oposição às mãos desarmadas, elementos ressaltados na imagem de Stuart Franklin, em que se confere a proporção assombrosa dos tanques governamentais. [11]

Eternizada pela lente de Stuart Franklin, a fotografia correu o mundo e tornou-se uma das mais (re)conhecidas imagens na contemporaneidade. É pelo seu apelo social e histórico que o projeto, que será descrito nesse artigo, sustenta-se.

IV. A FOTOGRAFIA DE STUART FRANKLIN EM SALA DE AULA

Em um primeiro momento, ao iniciar a aplicação do projeto, como forma de compreender a maneira como a fotografia está presente em suas vidas, solicitou-se aos discentes que resgassem em sua memória, e que relatassem, eventos sobre algumas fotos que foram importantes em suas vidas.

Após essa etapa, o docente esclareceu a importância e o impacto da fotografia na vida dos seres humanos, uma vez que “o homem, ao longo de sua história, produziu registros de seu cotidiano, de suas crenças, de sua forma de pensar. O mais antigo

registro, confeccionado pelo homem, de que se tem conhecimento é o imagético”. [12]

A partir de então, os educandos foram introduzidos ao projeto *Uma foto, mil palavras*, no qual solicitou-se que eles produzissem um pequeno texto a partir da leitura de algumas fotografias, dentre elas a que se utiliza nessa pesquisa, a de Stuart Franklin.

Divididos em grupos, com o intuito de contextualizá-los, de estimulá-los e de ajudá-los na produção de seus textos, foram entregues aos estudantes alguns textos verbais sobre as referidas fotografias que continham informações mais detalhadas das fotos, indo ao encontro do que Freire preconiza, já que “linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto”. [13]

Com base nas palavras de Freire, inferiu-se que é de muita valia propor atividades que explorem discussões em grupo, uma vez que, em muitos casos, a interpretação de textos verbais e não verbais ocorre, em ambiente escolar, de maneira individual e apenas nos momentos de correção de exercícios, se o docente consentir e permitir que os estudantes comparem opiniões.

Nesse artigo, por conseguinte, tomar-se-ão como exemplo os textos produzidos sobre a fotografia de Stuart Franklin para a Agência Magnum.

Em seguida a leitura do texto escrito que foi disponibilizado aos educandos, buscou-se uma discussão em torno dos elementos elencados no texto como uma forma de aumentar a capacidade crítica dos discentes. Desse modo, eles argumentaram, sobretudo, a respeito dos protestos contra o governo chinês que culminaram no episódio registrado pelas lentes de Stuart Franklin.

Tanto os alunos quanto o educador, a partir daí, começaram a analisar os elementos presentes na fotografia e procuraram relacioná-los com as informações que tinham sobre o evento conhecido como o Massacre da Praça da Paz Celestial.

Ao debaterem sobre os diferentes pontos de vista que cada um teve ao analisar a fotografia, três alunos escreverem seus textos que servirão de exemplos para nossa análise.

Lê-se no primeiro texto:

ALUNO 1

O Massacre na Praça da Paz Celestial refere-se às manifestações ocorridas na China, no ano de 1989. Manifestantes universitários, com o objetivo de reivindicar maior liberdade política, foram mortos pelos tanques do governo.

Os sobreviventes foram presos. O manifestante desconhecido na foto foi um dos corajosos que tentaram impedir os tanques.

Depois de muito tempo, houve uma greve nas universidades por causa desses eventos. Atualmente, eles entenderam-se e fizeram as pazes.

Fig. 2. Texto produzido pelo aluno 1

É importante observar que esse aluno, primeiramente, preocupou-se em situacionar os leitores, trazendo as informações sobre a fotografia de Stuart Franklin, evitando colocar suas impressões diretamente no texto. Apenas um comentário sobressalta-se em sua composição ao relatar sobre a coragem do manifestante em utilizar o próprio corpo com o intuito de deter os tanques. Por fim, verificou-se que o estudante concluiu seu pensamento trazendo o leitor de volta para o presente.

A seguir, observa-se a produção do segundo texto:

ALUNO 2

Vários tanques de guerra pela rua.
Será uma guerra ou não?
Por que será que tem uma pessoa parada na frente do tanque de guerra? O que será que essa pessoa é e o que será que ela quer?
Será que essa pessoa está dando uma voz de comando?
A única coisa que sabemos é que isso se passou na China e que foi um fato histórico

Fig. 3. Texto produzido pelo aluno 2

De imediato, notou-se algo muito valioso na produção desse aluno: a indagação. Em um primeiro momento, o estudante pôde não ter tido a intenção de convidar o leitor a participar de sua análise. Entretanto, esse recurso fez com que os leitores deixassem a passividade de lado diante do texto e passassem a figurar ativamente em conjunto com o autor na concepção da ideia. Assim, pôde evidenciar-se que, ao produzir um texto que trouxe questionamentos sobre a fotografia, o educando, mesmo que inconscientemente, propôs ao leitor um pertinente diálogo.

Por fim, é possível ler o seguinte texto:

ALUNO 3

Na China, em cinco de junho de 1989, um rebelde desconhecido parou vários tanques de guerra, mas isso não foi o suficiente. Na verdade, pessoas manifestaram contra o governo, e, no final, todos aqueles que estavam manifestando acabaram mortos ou foram presos.

Essa fotografia é sobre o “Massacre da Praça da Paz Celestial” que significa que estava havendo muitas mortes e alguns manifestantes, de maneira pacífica, tentaram acabar com a guerra.

No final da guerra muitas pessoas tinham morrido, mas no meio de toda essa confusão, felizmente, hoje, está tudo bem. Na minha opinião, essa fotografia é muito marcante e por trás dela há uma grande história.

Fig. 4. Texto produzido pelo aluno 3

Assim como o primeiro aluno, este estudante trouxe dados sobre a fotografia de Stuart Franklin com o intuito de contextualizar o leitor sobre o fato. No entanto, observa-se que há uma preocupação do educando em garantir para o leitor que, apesar de ter existido uma manifestação, atualmente não há com o que se preocupar, evidenciado no último parágrafo. Além disso, é importante ressaltar que das três produções analisadas nessa pesquisa, apenas nesta o aluno colocou-se no texto, exprimindo sua opinião diante da foto, o que há de ser muito rico, pois além de se posicionar diante da informação, ele demonstrou sua criticidade ao analisar o texto imagético.

Ademais, notou-se que o aprendiz utilizou a palavra *guerra* para descrever a manifestação que ocorreu na China. É importante que o educador tenha a sensibilidade de discutir a respeito desse vocábulo, já que muitos outros estudantes fizeram uso da referida palavra em suas composições, apontando que os jovens, mesmo estando contextualizados, enxergam tais atitudes como um atentado a vida humana.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio do PIBID, o licenciando encontra a possibilidade de colocar em prática todos os ensinamentos que adquire ao longo de sua formação docente, tendo experiência o suficiente para ministrar aulas ao diplomar-se. Nessa perspectiva, para Freire:

a educação tem sentido porque o mundo não é necessariamente isto ou aquilo, porque os seres humanos são tão projetos quanto podem ter projetos para o mundo. A educação tem sentido porque mulheres e homens aprenderam que é aprendendo que se fazem e se refazem, porque mulheres e homens se puderam assumir como seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem. A educação tem sentido porque, para serem, mulheres e homens precisam de estar sendo. Se mulheres e homens simplesmente fossem não haveria porque falar em educação. [14]

Assim, compreendeu-se que urge ser necessário o desenvolvimento de mais atividades que trabalhem com o texto imagético em sala de aula, contribuindo, dessa forma para um processo de ensino-aprendizagem mais eficiente, além de evidenciar aos estudantes que as fotografias são largamente significativas para a sociedade.

É importante notar que:

durante muito tempo, o processo de ensino esteve muito centrado na palavra [...]. Com o advento desses novos meios de comunicação, a imagem explode por todos os cantos: pela televisão, pela

fotografia, pelos quadrinhos, pelo cinema etc. [15]

Compreende-se que, dessa forma, atividades que contemplem um trabalho com as imagens tornam-se significativas, uma vez que o texto imagético está altamente presente na vida dos indivíduos.

Ademais, a partir do desenvolvimento de suas análises e da divulgação de seus pontos de vistas, espera-se que os alunos compreendam que, ao longo da Educação Básica, essa atividade contribuiu para que eles sejam capazes de construir argumentos mais sólidos e que serão defendidos em suas futuras produções textuais nas séries seguintes.

Ressalta-se que, apesar de os alunos trabalharem com a mesma imagem, cada um produziu seu texto de maneira singular, o que corrobora a ideia de que cada indivíduo tem um olhar diferente sobre um mesmo assunto. Observou-se, também, que conteúdo e coerência são pontos que sobressaíram das produções.

Não é regra, muito menos exceção, deparar-se com educandos que, já no 6º ano do Ensino Fundamental II, têm uma alta capacidade de criar um texto coeso e coerente. Notou-se, a partir disso, que a constituição dos parágrafos e a maneira como eles estabeleceram as conexões entre suas ideias deflagrou certa autonomia em relação à interpretação e à compreensão de textos imagéticos.

É importante destacar, por fim, que um processo como esse agrega sentido à prática docente e proporciona um aprendizado mais significativo, além do reconhecimento de que todo o trabalho que seja desenvolvido, desde que haja comprometimento, em ambiente escolar, é de muita valia.

REFERENCES

- [1] A. Manguel. Uma história da leitura. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. pp. 54.
- [2] M. Lajolo. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 2008. pp. 07.
- [3] A. Manguel. Lendo imagens: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pp. 25.

[4] A. Manguel. Lendo imagens: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pp. 125.

[5] A. Manguel. Lendo imagens: uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. pp. 27.

[6] D. A. Dondis. Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 1997. pp. 19.

[7] A. H. T. Guimarães. "Literatura e fotografia: um diálogo pertinente". In: M. L. M. C. Vasconcelos e H. B. C. Pereira. Linguagens na sala de aula do ensino superior. Niterói: Intertexto, 2009. pp. 98.

[8] A. H. T. Guimarães. "Um homem contra os tanques". In: A. Queiroz, D. Paiero e M. Buarque. Jornalismo político e a construção da memória. São Paulo: NACL, 2014. pp. 15.

[9] A. H. T. Guimarães. "Um homem contra os tanques". In: A. Queiroz, D. Paiero e M. Buarque. Jornalismo político e a construção da memória. São Paulo: NACL, 2014. pp. 15.

[10] A. H. T. Guimarães. "Um homem contra os tanques". In: A. Queiroz, D. Paiero e M. Buarque. Jornalismo político e a construção da memória. São Paulo: NACL, 2014. pp. 16.

[11] A. H. T. Guimarães. "Um homem contra os tanques". In: A. Queiroz, D. Paiero e M. Buarque. Jornalismo político e a construção da memória. São Paulo: NACL, 2014. pp. 17.

[12] A. H. T. Guimarães. "Literatura e fotografia: um diálogo pertinente". In: M. L. M. C. Vasconcelos e H. B. C. Pereira. Linguagens na sala de aula do ensino superior. Niterói: Intertexto, 2009. pp. 97.

[13] P. Freire. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2009. pp. 11.

[14] P. Freire. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Paz e Terra, 2011. pp. 44.

[15] P. Freire e S. Guimarães. Educar com a mídia: novos diálogos sobre educação. São Paulo: Paz e Terra, 2011. pp. 119.